

Como a mente humana conhece a essência das coisas (*quidditas rerum*): o intelecto agente e a abstração do ente¹

How the human mind knows the essence of things (*quidditas rerum*): the agent intellect and the abstraction of beings

Willian Kalinowski²

Resumo

O presente trabalho busca refletir sobre o modo como a mente humana alcança a essência das coisas na Psicologia de Tomás de Aquino. Sobre essa verdade pretendemos dizer duas coisas: 1) o objeto próprio da mente humana é a “quiddidade da coisa material” e 2) a mente humana alcança a quiddidade por meio de um processo intelectual chamado de abstração.

Palavras-chave

Mente. Abstração. Psicologia Tomista.

Abstract

The present work seeks to reflect on how the human mind reaches the essence of things in the Psychology of Thomas Aquinas. About this truth we intend to say two things: 1) the proper object of the human mind is the “quiddity of the material thing” and 2) the human mind reaches quiddity through an intellectual process called abstraction.

Keywords

Mind. Abstraction. Thomist Psychology.

Introdução

Começamos nosso estudo mostrando que se faz necessário considerar uma questão de teoria do conhecimento ou Psicologia racional, questão que é anterior à apreensão do universal simples, ou seja, *a noção de abstração* dos conceitos universais pelo intelecto.

As coisas como vemos na realidade, existem ao seu modo material e particular, todavia no intelecto elas são feitas imateriais e universais. Como isso acontece?

O homem não conhece a pedra à maneira da pedra, mas a forma de pedra que, unida à matéria, a especifica e a determina, que contém sua essência. Por essa razão, os Tomistas defendem que há dois modos das coisas existirem: um na inteligência e outro na realidade: “por uma abstração, inicialmente, a inteligência extrai dos singulares que estão na origem do nosso conhecimento, a natureza que é comum a todos”.³ O intelecto

¹ Texto presente em parte na minha dissertação de mestrado. Este artigo foi originalmente apresentado no 1º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia, promovido pelo Instituto De Anima entre 18 e 31 de maio de 2023 e está sendo publicado nesta revista com minha expressa autorização.

² Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Filosofia e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. Professor da Pós-graduação em Filosofia Tomista da Faculdade Vicentina de Curitiba. E-mail: willianka2013@gmail.com

³ GARDEIL, 2013, p. 104.

conhece as coisas recebendo delas alguma forma, e as recebe ao seu modo: “É da natureza do conhecimento que o cognoscente contenha a espécie do objeto conhecido segundo seu modo próprio”.⁴ Esse modo intelectual de conhecer as coisas é inerente ao próprio ser humano, não à sua alma sensível, mas à sua alma intelectual.

A verdade é a adequação do intelecto à essência das coisas. Nesta reflexão desejamos explicar de maneira mais detalhada o processo que possibilita o ato do conhecimento humano, a *abstração* do imaterial universal da matéria singular por meio do *intelecto agente*. Aprofundamo-nos assim naquilo que possibilita a apreensão da *espécie inteligível*, da essência do ente particular e material:

Não se pode ter o conhecimento perfeito de uma coisa, quando ignoramos sua operação. Com efeito, é do modo e da espécie da operação que se depreende a unidade e a qualidade da virtude, e esta, por sua vez, manifesta a natureza da coisa, porque qualquer coisa é destinada a operar de acordo com a natureza em ato.⁵

Santo Tomás afirma que para nós (*quoad nos*) uma coisa é inteligível porque na inteligência está despida de matéria, embora na realidade esteja unida a matéria. Ao olharmos à nossa volta, podemos ver que as coisas possuem matéria e forma, exceto as formas puras. Contudo, uma pergunta instigante é: como nosso intelecto conhece uma substância material sendo ele ao seu modo imaterial?⁶ Afirmamos que o intelecto é a potência da alma que nos permite conhecer o ente, a realidade. Já dizemos que o ser é duplo: material e imaterial. Porém, no ato do conhecimento humano, ao modo deste, todo ente se torna imaterial. Por isso, “deve-se considerar que a coisa exterior que nos é conhecida não existe no nosso intelecto segundo a sua própria natureza, mas a sua espécie deve estar em nosso intelecto, pois por ela este faz-se em ato”.⁷ O ente não é conhecido pela maneira do ser exterior, isto é, ele não existe no nosso intelecto segundo sua natureza material e concreta. Uma pedra não é infundida na inteligência materialmente, todavia formalmente:⁸

Uma coisa é inteligível porque é sem matéria, e sinal disso é que as formas fazem-se inteligíveis em ato pela abstração da matéria. Também por isso o intelecto conhece os universais, não os singulares, visto que a matéria é o princípio de individuação. Ora, as formas apreendidas pelo intelecto tornam-se, na intelecção, uma só coisa com o intelecto que está em ato.⁹

⁴ TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. I, C. LXX.

⁵ TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. II, C. I.

⁶ Pode-se entender aqui imaterial como espiritual, formal ou intelectual.

⁷ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Contra os Gentios*, L.I, C. LIII.

⁸ A origem do pensamento pode variar, isto é, sua matéria, mas, sua forma e ato é sempre de natureza igual, substância imaterial. Escreve Santo Tomás: “Resta concluir que as coisas materiais devem existir em quem conhece não materialmente, mas antes imaterialmente. A razão disso é que o ato de conhecer se estende às coisas que estão fora de quem conhece, pois conhecemos também as coisas que estão fora de nós.” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 84, a. 2, resp). Isto é, posso pensar um tijolo, que é objeto material, conhecido somente pelos sentidos, no entanto, a forma desse tijolo no intelecto será sempre imaterial, consumando assim uma relação entre o intelecto e o objeto. (Observação: Todas as citações em português da Suma Teológica, no corpo do texto e nas notas de rodapé, são tomadas da edição feita pelas editoras Ecclesiae e Permanência em 2016, na tradução de Alexandre Correia).

Como isso é possível segundo a Psicologia Tomista? É justamente o que veremos no próximo tópico.

O papel da abstração no processo do conhecimento humano

Pela abstração a inteligência humana consegue *ver* um ser que estava envolvido, cercado, vestido pelas vestes da materialidade e limitado pelos sentidos. Contudo, é por meio dos sentidos que ela receberá as *imagens sensíveis* ou *fantasmas*, que são o primeiro modo de captação da essência da coisa, ainda que envolvidas pela matéria sensível dada pelos cinco sentidos e pela própria constituição individualizante da coisa. Santo Tomás escreve que “o agente produz o semelhante a si mesmo segundo a forma”.¹⁰ A forma, que é o ser de determinada realidade, é responsável por determinar o fim específico daquela realidade. Com isso, dado que o ser em sua operação máxima deva produzir e realizar operações que sejam conforme seu fim, determinadas por sua forma, todo ser deve operar segundo sua forma.

Aristóteles propõe a existência de três tipos de almas: a vegetal, a animal e a racional. As plantas devem operar nos limites da alma vegetal; os animais irracionais devem se mover nos limites da alma sensitiva; já a alma racional, por ser dotada da potência intelectual, que o filósofo grego considera uma realidade puramente formal, operará com realidades formais. Em consequência, não se poderia reduzir sua ação a uma operação puramente material, pois é preciso que, de alguma maneira, o material se torne formal para ser captado por ela. Ou seja, aquela pedra concretamente *extra anima* permanece *extra anima*, ao seu modo, todavia, por meio da ação do intelecto ela se torna, ao *modo do intelecto*, imaterial e semelhante a ele. É preciso entender, aqui, qual a operação do intelecto humano que permite esse conhecimento específico do material e singular pelo imaterial e universal.

No artigo 3, da questão 79 da *prima pars da Summa Theologiae*, Santo Tomás de Aquino questiona se se deve admitir um intelecto agente que abstraia dos seres singulares o universal inteligível. Responde com uma afirmativa, aceitando e desenvolvendo a doutrina de Aristóteles da *abstração*.¹¹

A partir desta doutrina, Santo Tomás ensina que há no intelecto uma operação que possibilita o conhecimento das coisas à sua maneira, intelectualmente.

O que faz essa potência? *Ela abstrai das coisas o ser universal inteligível.*

Abstrair é nada mais que realizar a partir do intelecto uma operação similar a que é realizada pelas abelhas ao “abstrair” da seiva o mel das flores, pois as flores contêm seiva, que posteriormente será transformada em mel.

Borboletas, formigas, abelhas, mosquitos e outros insetos podem descer sobre a flor, mas somente as abelhas podem “abstrair” da seiva aquilo que será transformado em mel. De fato, somente as abelhas têm a capacidade de fazê-lo. Ora, tanto quanto as abelhas “abstraem” o mel das flores, o intelecto abstrai a partir dos fantasmas de objetos semelhantes à essência daquilo que é comum e necessário a eles e ignora o restante, ou seja, as diferenças individuais.

⁹ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Contra os Gentios*, L. I, C. XLIV.

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. II, C. XL.

Semelhantemente, digo que o pertencente à essência da espécie de qualquer causa material, por exemplo, da pedra, do homem ou do cavalo, pode ser considerado sem os princípios individuais, que não são da essência da espécie. E isto é abstrair o universal do particular, ou a espécie inteligível, dos fantasmas; isto é, considerar a natureza, sem considerar os princípios individuais, representados pelos fantasmas.¹²

Admitindo isso, Santo Tomás desenvolve, a partir de Aristóteles, a doutrina *do intelecto agente*.¹³ Saber, afinal de contas, é ver, o homem não vê as coisas diretamente em ato, porém o homem pode ver as coisas com o auxílio dessa luz ou virtude que realiza a abstração, chamada *intelecto agente*. Ele faz com que as essências das coisas que estão obscurecidas pela escuridão da matéria se tornem vistas pelo intelecto. É por meio da abstração que o *intelecto agente* possibilita a atualização de sua potência, fazendo com que a inteligência veja o que estava escondido sob os sentidos e a matéria. Santo Tomás admite a existência do *intelecto agente* que está na alma e é individual em cada indivíduo, tendo em vista que esse é condição radical para a formação das ideias, isto é, para a abstração do ser nas coisas: “Por onde, para inteligir não basta à imaterialidade do intelecto possível, sem o *intelecto agente*, que, por abstração, atualiza os inteligíveis”.¹⁴

¹¹ “Como já se disse antes, o objeto cognoscível se proporciona à virtude [no sentido de potência] cognoscitiva. Ora, há tríplice grau nesta virtude. — Há uma virtude cognoscitiva que é ato de órgão corpóreo, a saber, do sentido. Por onde, o objeto de qualquer potência sensitiva é a forma enquanto existente na matéria corpórea. E como tal matéria é o princípio da individuação, forçosamente toda potência da parte sensitiva é cognoscitiva só do particular. — Há, porém, outra virtude cognoscitiva que nem é ato de órgão corpóreo, nem está, de qualquer modo, conjunta com a matéria corpórea, como o intelecto dos anjos. Por onde, o objeto desta virtude é a forma subsistente sem a matéria. Pois, embora conheçam os anjos as coisas materiais, só as veem no imaterial, a saber, em si mesmos ou em Deus. — O intelecto humano, porém, ocupa uma posição média. Pois não é ato de nenhum órgão; contudo, é uma virtude da alma, a qual é forma do corpo, como é claro pelo que já se demonstrou. Por onde, é-lhe próprio conhecer a forma, existente, por certo, individualmente, na matéria corpórea, mas não enquanto existente em tal matéria. Pois, conhecer aquilo que existe na matéria individual, mas não enquanto está em tal matéria, é abstrair a forma, da matéria individual, representada pelos fantasmas. Donde é necessário concluir-se que o nosso intelecto entende as coisas materiais, abstraído dos fantasmas; e por essas coisas assim consideradas, chegamos a um certo conhecimento das imateriais; como, inversamente, os anjos conhecem as coisas materiais pelos seres imateriais. — Platão, porém, atendendo só à imaterialidade do intelecto humano e não ao fato de estar unido, de certo modo, a um corpo, disse que o objeto do intelecto são as idéias separadas; que entendemos, não, por certo, abstraído, mas, antes, participando dos seres abstratos, como se viu antes.” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 85, a. 1, resp.).

¹² TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 85, art. 1, ad 3.

¹³ Sobre o *intelecto agente*, escreve o professor Juan Fernando Sellés em seu livro *Breve curso de teoria del conocimiento*: “*Intelecto agente significa conocer como persona. Significa persona, conocer, luz, ver, etc. Yo, sujeto, significa lo conocido de ese quien que soy. Si el intelecto agente no se autoilumina y, sin embargo es luz, no es luz ninguna que se autoinfunde, sino recibida. No cabe reflexividad en él (tampoco en ningún nivel cognoscitivo), porque el hombre es dual y no idéntico, lo cual explica que el intelecto agente es recibido. La luz de éste es natural, no constituida por el sujeto, sino don creatural divino, esto es, impreso en nosotros inmediatamente por Dios. Si él se dedicara durante toda esta vida a iluminar y luego no fuera iluminado sería sencillamente absurdo; un trabajo perfectamente inútil. El intelecto agente está siempre tácito hasta la visión, hasta la contemplación de Dios. He aquí la sugerencia que la teoría del conocimiento aporta respecto de que esta vida no es la definitiva, sugerencia, que lo es de nuestra inmortalidad y, también de que el fin del hombre es ser iluminado por Dios*” (SELLÉS, 1997, p. 82).

Desse modo, para que a alma possa iluminar os fantasmas ou imagens sensíveis, é *conditio sine qua non* a existência de um intelecto agente *in anima*. Afirma o Aquinate: “Logo, é necessário admitir-se uma virtude, no intelecto, que atualize os inteligíveis, abstraindo as espécies das condições materiais. E essa é a necessidade de se admitir um intelecto agente”.¹⁵ Conclui-se, então, que o intelecto agente é uma virtude, não no sentido de um hábito, mas no sentido de uma força. Ele é essa *virtus* que faz com que o intelecto realize seu ato, em si espiritual, imaterial e imutável, como ensinava Aristóteles,¹⁶ mas que depende também do corpo, dos sentidos e da matéria, pois dos *fantasmas* é que abstrai a essência universal, entregando ao intelecto possível o ser e aquilo que há de mais perfeito na natureza humana. Deste ato do intelecto agente a pessoa passa do conhecimento sensível para o conhecimento intelectual propriamente dito:

Duas coisas devem-se considerar no conhecimento do nosso intelecto. A primeira é que o conhecimento intelectual tem o seu princípio, de certo modo, no sensitivo. E como o sentido conhece o singular e o intelecto, o universal, forçoso é que o conhecimento do singular seja, quanto a nós, anterior ao do universal. A segunda consideração é que o nosso intelecto procede da potência para o ato. Ora, tudo o que assim procede chega ao ato incompleto, meio termo entre a potência e o ato, antes de chegar ao ato perfeito. Ora, esse ato perfeito, ao qual chega o intelecto, é a ciência completa, pela qual as coisas são conhecidas distinta e determinadamente. O ato incompleto, porém, é a ciência imperfeita, pela qual as coisas são conhecidas indistintamente, com certa confusão; e o que é assim conhecido sob certo aspecto o é em ato e, de certo modo, em potência. Por onde, diz o Filósofo: *o mais confuso é o que, primariamente, nos é manifesto e certo; depois, é que conhecemos os princípios e os elementos distintos*.¹⁷

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 3, resp. ad 3.

¹⁵ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 79, a. 3, resp. Nas suas *Quaestiones disputatae De Anima*, artigo 4, escreve o Aquinate: “*Dicendum quod necesse est ponere intellectum agentem. Ad cuius evidentiam considerandum est quod, cum intellectus possibilis sit in potentia ad intelligibilia, necesse est quod intelligibilia moveant intellectum possibilem. Quod autem non est, non potest aliquid movere. Intelligibile autem per intellectum possibilem non est aliquid in rerum natura existens, in quantum intelligibile est; intelligit enim intellectus possibilis noster aliquid quasi unum in multis et de multis. Tale autem non invenitur in rerum natura subsistens, ut Aristoteles probat in VII Metaphys. Oportet igitur, si intellectus possibilis debet moveri ab intelligibili, quod huiusmodi intelligibile per intellectum fiat. Et cum non possit esse id quod est, in potentia ad aliquid factum ipsius, oportet ponere praeter intellectum possibilem intellectum agentem, qui faciat intelligibilia in actu, quae moveant intellectum possibilem. Facit autem ea per abstractionem a materia, et a materialibus conditionibus, quae sunt principia individuationis.*”

¹⁶ “E tal é o intelecto, de um lado, por tornar-se todas as coisas e, de outro, por produzir todas as coisas, como uma certa disposição, por exemplo, como a luz. Pois de certo modo a luz faz de cores em potência cores em ato. E este intelecto (Agente) é separado, impassível e sem mistura, sendo substância em ato.” (ARISTÓTELES, *De Anima*, 430 a10).

Esta natureza se une ao nosso corpo enquanto forma dele, enquanto o define, enquanto dá a ele certo princípio de movimento, através do qual nós nos movemos, conhecemos, apeteçemos e inteligimos as coisas corpóreas e intelectuais.

Considerações finais

Por fim, por meio deste ato de abstrair realizado pelo *intelecto agente*, o intelecto está instrumentalizado para realizar seu ato, que é inteligir, o que se dá posteriormente com o ato do intelecto possível, função dependente e iluminada pelo intelecto agente. A potência intelectual se realiza. A pessoa humana, ainda que limitadamente, conhece algo. Aqui se dá a aquisição dos primeiros princípios, fonte de todos os atos e ações intelectuais, ainda que confusamente. Para justificarmos a grandeza desta apreensão citamos três passagens, entre tantas, nos escritos de Santo Tomás:

A operação do intelecto conhece a essência; nesta operação, porém, há algo que lhe é pressuposto, que é o ser: de fato, a mente não pode conceber nada se não inteligir primeiro o ser.¹⁸

Nossa inteligência conhece naturalmente o ser e tudo aquilo que pertence ao ser enquanto tal; e neste conhecimento se fundamenta o conhecimento dos primeiros princípios.¹⁹

O objeto próprio do intelecto é aquilo que é.²⁰

Algo é, algo existe, algo foi conhecido para além do toque e da imersão sensível. Algo foi conhecido na sua realidade máxima. E, de certo modo, o intelecto ao conhecer o ente, sem deixar de ser aquilo que é, sem perder nada de suas qualidades e potências, recebe e se transforma, intelectualmente, ao ente conhecido.

Em todas as coisas há uma ordem, na inteligência, não é diferente. Os seres contraídos e absortos no mundo da matéria estão destinados a realizarem suas operações por meio da matéria, e assim, a serem sempre eles mesmos. A inteligência humana, atê realizar a operação da abstração do seu objeto, em certa medida, também está limitada pela matéria que constitui seu ser e pela matéria que constitui as demais coisas a agir limitadamente. Todavia, ao abstrair o seu objeto, o universal, ela ganha seu verdadeiro corpo, sendo robustecida pelo ser de si, e pela transformação no ser de outro.

¹⁷ (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 85, a. 3, resp).

¹⁸ (TOMÁS DE AQUINO, *Comentário à Metafísica*, L. IV, l. 6, 605).

¹⁹ (TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. II, C. LXXXII).

²⁰ (TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os Gentios*, L. I, C. LVIII).

Referências

ARISTÓTELES. *De anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

ARISTÓTELES. *Metafísica*: ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução para o Português de Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BRENNAN, Robert Edward. *Psicología Tomista*. Traducción Efrén Villacorta Saiz. Revisión José Fernandez Cajigal. Ed. actualizada por el Autor. Barcelona: Editorial Científico Médica, 1960.

CALDERÓN, Álvaro. *Umbral de la Filosofía. Cuatro Introducciones tomistas*. Mendoza: el autor, 2011.

CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. *Temas de Psicologia Tomista*. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2017. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/NETTDP>. Acesso em: 11 nov. 2022.

CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. *Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do ethos*. 2012. 571f. Tese (Doutorado em Bioética) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://philpapers.org/rec/CAVCDP-2>. Acesso em: 13 maio 2023.

ECHAVARRÍA, Martín F. *A práxis da psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: CBD, 2021.

GARDEIL, Henri Dominique. *Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino. Volume II: Psicologia, Metafísica*. São Paulo: Paulus, 2013.

ROUSSELOT, Pierre. *A teoria da inteligência segundo Tomás de Aquino*. São Paulo: Loyola, 1999.

KALINOWSKI, Willian. A apreensão do ser em Santo Tomás de Aquino: a primeira operação da inteligência. *Seara filosófica*, n. 21, Inverno/2020, p. 1-16.

SELLÉS, Juan Fernando. *Hábitos, virtudes, costumbres y manías*. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/studia-poliana/article/view/26164/21823>. Acesso em: 08 nov. 2021.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*. Tradução de Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*. Tradução de Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2001-2006.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *A unidade do intelecto contra os averroístas*. Tradução

Mário Santiago de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1999.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma contra os gentios*. Tradução Dom Odilão Moura, O. S. B. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias do Sul/Sulina, 1990.

VERNAUX, Roger. *Filosofia do homem*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.